

A CAPELA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE SÃO JOÃO DEL-REI - MG

José Antônio de Ávila Sacramento

Por volta do início da segunda metade do século XVIII, numa formidável manifestação de fé, foi erigida a Capela do Divino Espírito Santo nos arredores do então Arraial de São Vicente Ferrer¹, atual cidade de São Vicente de Minas, em Minas Gerais. Nos anos 1980, estando praticamente abandonada, aquela capela em estilo rococó e a maioria dos seus bens móveis e integrados foram alvos de vandalismos e de saques: surrupiaram imagens, castiçais, talhas, ornamentos e subtraíram até mesmo algumas partes do altar mor. Aquilo que não teve como ser subtraído do local ficou bastante danificado. Padre Ramiro José Gregório relembra bem aquela situação: "os ladrões tinham invadido a capela e a trancaram com cadeado. Não havia mais as imagens, objetos litúrgicos, porta do sacrário e até os detalhes do púlpito; os ladrões furaram um buraco na parede para retirar a cômoda da sacristia...".

Em 1987, o saudoso padre Sebastião Raimundo de Paiva, então pároco da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, de São João del-Rei, sabedor da situação de abandono da capela através do restaurador Carlos Magno de Araújo, preocupou-se com o possível salvamento dos elementos artísticos que dela restaram; em outubro de 1988 o fato foi levado oficialmente ao conhecimento do então Bispo da Diocese de São João del-Rei, Dom Antônio Carlos Mesquita, quando uma correspondência do Padre Luiz Eustáquio do Nascimento, então pároco de São Vicente de Minas, pediu ao Bispo e ao Monsenhor Paiva que ajudassem a salvar o que ainda restava daquele patrimônio. Assim, ficou acertado que o Pe. Luiz comunicaria o assunto à comunidade de São Vicente de Minas, o que foi feito, não havendo objeções dos locais à transferência das peças restantes (fragmentos do altar-mor e de dois retábulos laterais, tábuas pintadas do forro, partes do púlpito, arco-cruzeiro...) para São João del-Rei; então, providenciou-se a cuidadosa remoção e o transporte do que havia restado do interior daquela orada, peças que inicialmente seriam levadas para o Museu de Arte Sacra de São João del-Rei.

Como perceberam que o espaço do Museu de Arte Sacra não comportaria a reinstalação e nem o depósito daqueles bens, optaram para que eles fossem depositados em outro local e posteriormente fossem restaurados pelo ateliê "Anima", de Carlos Magno de Araújo; depois de limpas, higienizadas e de ter a policromia e o douramento reafixados, as peças foram bem acondicionadas e ficaram à espera de melhor e mais adequada destinação. No final da década de 1990, o Monsenhor Paiva, visualizando a possibilidade de se reerguer a

¹ Até o começo dos anos 1700, o atual Município de São Vicente de Minas era área ainda praticamente desconhecida. A partir daquela época, os primeiros bandeirantes vindos da região de Taubaté, Capitania de São Paulo, atingiram a região do Rio Grande e um dos caminhos utilizados passava pela região, onde existiu pontos de apoio para os tropeiros, origem do então Arraial de São Vicente Ferrer (homenagem a São Vicente Ferrer (Valência, Espanha, 1350 - Vannes, França, 1419). A origem do topônimo está ligada ao encontro de uma imagem de São Vicente Ferrer, achada por um empregado do alferes Francisco José de Andrade Mello, dono da Fazenda Sesmária (também denominada de Fazenda Nova ou Carapuça), uma das maiores daquela região. Assim, Francisco mandou construir uma pequena ermida (transformada na atual matriz que fica na Praça Coronel José Eugênio). Em maio de 1856, pela Lei Provincial nº 762, o Arraial foi elevado a Freguesia e a Distrito de São Vicente Ferrer, pertencente ao Turvo (atual Município de Andrelândia - MG). Em 17 de dezembro de 1938, com a emancipação, teve o seu nome alterado para Francisco Sales. Em dezembro de 1953 o nome foi alterado para São Vicente de Minas.

capela em terras são-joanenses, adquiriu um terreno na Rua Maestro Batista Lopes, nº 140, a popular e antiga "Rua das Flores"².

A partir de então foi iniciada a etapa de captação de recursos com a mobilização de cooperadores para que a pretendida obra pudesse ser iniciada, em 03 de março de 2008. O projeto para a readequação, remontagem e reinstalação das antigas peças ficou sob a responsabilidade do IEPHA-MG, a pedido de Carlos Magno de Araújo, com o apoio da dra. Elisabeth Sales que àquela época presidia o órgão. O projeto contemplou também a instalação do Memorial Natividade, cuja montagem anexa à capela conta um pouco da vida e obra de Joaquim José da Natividade (1775-1840), pintor ilusionista sacro que muito obrou na nossa região³. Todo este processo contou com a participação do arquiteto André Guilherme Dornelles Dangelo, que elaborou o projeto arquitetônico da construção, pranchas que sofreram várias alterações durante a execução da obra, pois que houve a necessidade de sempre se elaborar novas plantas e/ou readequá-las às exigências patrimoniais.

Durante todo o tempo do planejamento e da execução da obra, apoiou na parte burocrática e com pesquisas documentais o intelectual Aluizio José Viegas, que sempre atendeu prontamente as solicitações do Monsenhor Paiva, de Carlos Magno e de André Dangelo, providenciando informações necessárias para que o processo tivesse bom andamento. Assim, vencidas as etapas e as dificuldades de muitas naturezas, com a ajuda de várias entidades, dos fiéis, e graças a patrocínios de empresas (como a Oi Telefonia e a CEMIG) mediante ações positivas de Andréa Neves da Cunha e do irmão dela, o político Aécio Neves da Cunha, a capela foi inaugurada e sagrada pelo Bispo Diocesano, D. Frei Célio de Oliveira Goulart, e pelo Pároco do Pilar, Revmo. Padre Geraldo Magela da Silva, ainda com a feliz presença do nosso eterno padre Paiva entre nós⁴. O evento aconteceu festivamente na manhã de 27 de maio do ano de 2012, Domingo de Pentecostes, com procissão conduzindo o Divino Paráclito da Catedral do Pilar para a sua nova e definitiva morada. Mais recentemente, principalmente através da louvável e exitosa ação de mecenas do arquiteto André Dangelo, foram obtidos os recursos que possibilitaram o levantamento da torre sineira e a instalação dos seus sinos (esta etapa já constava do projeto original, mas, devido a falta de recursos, ainda não havia sido executada).

As imagens sacras (do Divino, de São José, São Sebastião, Santa Rita de Cássia e de São Miguel) que atualmente podem ser vistas na capela são réplicas das originais e obras da autoria do santeiro são-joanense Osni Paiva que foram carnadas⁵ e estofadas por Carlos Magno de Araújo. Naquela ermida, além de outros elementos artísticos interessantíssimos, chama a atenção de todos o belo teto da capela mor, obra creditada ao pincel de Joaquim José da Natividade e que é o único forro com detalhe tridimensional que se conhece no país: a Trindade Onipotente aparece pintada e cingindo a Nossa Senhora em meio a

² No ano de 1938 a antiga Rua das Flores recebeu o nome de Rua Maestro Batista Lopes, em homenagem ao também pintor, escultor e diretor da Orquestra Lira São-Joanense. Aquele local já teve o nome de Morro do Pagão. O mais antigo registro com o nome de Rua das Flores é do ano de 1859.

³ Saiba mais sobre Joaquim José da Natividade em: <http://ihgt.blogspot.com.br/2014/01/blog-post.html>

⁴ O Monsenhor Paiva nasceu no dia 28 de janeiro de 1928 e faleceu em 03 de março de 2014. Na época da inauguração da capela ele era Pároco Emérito da Catedral do Pilar.

⁵ Carnação (do latim: *carnationis*) ou encarnação é o nome que se dá à técnicas de decoração policrômica de imagens para que suas partes descobertas se apresentem com o aspecto mais naturalista possível. O processo de pintura com a imitação das vestimentas e dos tecidos que cobrem as imagens é conhecido por estofamento.

nuvens com querubins e serafins, com a coroa representada em relevo, projetando-se para além do nível do forro.

Foi desta forma, depois de vencidas dificuldades várias e da transposição dos muitos trâmites burocráticos, que valeu a espera de décadas: a Capela do Divino Espírito Santo encontra-se agora magistralmente reinstalada na antiga Rua das Flores, recuperada e perfeitamente adaptada ao nosso patrimônio artístico e arquitetônico! O restaurador Carlos Magno de Araújo resumiu bem esta epopeia: “se não tivéssemos tomado as providências em tempo hábil, todo aquele patrimônio teria sido desmantelado e, possivelmente, ido parar nas mãos de colecionadores, certamente até de fora do Brasil”. A importante obra, além de se configurar numa espetacular exaltação da nossa fé, é também um grande exemplo hodierno no âmbito da preservação e dos cuidados com o patrimônio religioso, histórico e cultural que fica patente para as atuais e as vindouras gerações.



Fachada da Capela do Divino Espírito Santo - Foto: José Antônio de Ávila Sacramento, maio/2015



Detalhe da imagem do Divino Espírito Santo (em forma de custódia).
Foto: José Antônio de Ávila Sacramento, em maio/2015.



Pintura do forro da Capela do Divino Espírito Santo - São João del-Rei - MG
Foto de José Antônio de Ávila Sacramento, em 15 de maio de 2015



Placa afixada à entrada da Capela do Divino (Foto: José Antônio de Ávila Sacramento / maio de 2015)

NOTA:

Este texto foi publicado originalmente no *Jornal de Minas* (São João del-Rei - MG, ano XV, edição nº 257, de 19 a 25/06/2015, p. 2)